DAVID T. HABERLY: *Three Sad Races: Racial Identity and National Consciousness in Brazilian Literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

O Brasil é o único país do continente americano que se assemelha aos Estados Unidos em tamanho e na composição racial de seu povo. Apesar disso, a literatura brasileira difere da norte-americana porque inclui, ao contrário desta, cinco ou seis escritores de ascendência africana entre os mais representativos. Isso acontece, segundo o autor deste estudo, porque no Brasil a preocupação com as letras e a própria atividade literária são meios mais eficazes de superar qualquer complexo de inferioridade de origem racial: «A criatividade literária é a melhor prova de superioridade genética e social.»

Partindo do ponto de vista de que a literatura brasileira «é constituída pelo problema da composição tri-racial da sociedade brasileira», Haberly examina a produção de seis escritores representativos, todos eles nascidos no espaço de um século, de 1840 a 1940. Essa produção, segundo ele, é determinada pelo complexo de inferioridade racial de cada escritor ou, no caso de José de Alencar e Castro Alves, pela solidariedade que manifestam às raças subjugadas. Assim sendo, a literatura brasileira seria toda ela uma reflexão da interrelação das três raças e, em última instância, a reflexão de uma busca da identidade nacional.

É difícil negar a tese do autor, pelo menos no que diz respeito à maioria dos autores estudados. Não há dúvida que Gonçalves Dias, ele mesmo produto genético das três raças, sentiu-se física e psicologicamente alienado a meio de um mundo controlado por brancos. Da mesma forma, o poeta João Cruz e Sousa, filho de escravos negros, tentou superar a sua marginalização social escrevendo poesia superior à de qualquer branco. Ainda que estes poetas não revelassem as suas frustrações naquilo que escreviam, a condição de mulato ou mestiço em um mundo controlado por brancos foi o fator que os impeliu para a literatura. A preocupação destes poetas com a sua própria condição de seres marginalizados racialmente está implícita, ainda que não esteja explícita, nos poemas e romances que escreveram.

Já no que diz respeito àqueles escritores aceitos pela sociedade como brancos, ainda que o não fossem visivelmente, a tese de Haberly nos parece de difícil aceitação. Escritores como Machado de Assis e Mário de Andrade, ambos mulatos, foram de tal maneira prestigiados pela sociedades, que é impossível julgar certas incoerências ou ambiguidades de seus escritos como resultado de uma profundamente sentida alienação racial. De igual modo, parece-nos arriscado afirmar que estes escritores, que nem tinham razão visível de se sentirem inferiorizados, sentiram a necessidade de expiar o pecado neles inculcado pelos seus antepassados através da miscegenação.

Estas restrições são realmente de pouca monta e não invalidam em absoluto o trabalho de Haberly que, aliás, é imensamente bem escrito e rigorosamente estruturado. Além disso, a maior parte das análises feitas pelo autor a romances e poemas específicos revelam uma inteligência crítica bastante sagaz e uma sensibilidade que permite a revelação de novos e inusitados significados. Se o autor se nos afigura por vezes menos convincente, isso acontece porque ele tenta explicar aquilo que não pode ser explicado, pois faz parte dos segredos da alma humana, impossíveis de verificação.

ALEXANDRINO E. SEVERINO